

Desemprego mudou o perfil da segurança dos senadores

Profissionais com nível superior dão aos parlamentares uma proteção mais estratégica e bem menos truculenta



Geraldo Magela

Os novos seguranças do Senado: salário, estabilidade e frustração profissional

A crise do emprego dos últimos anos mudou o perfil do quadro de funcionários da Segurança do Senado. Médicos, engenheiros e analistas de sistema deixaram suas carreiras para serem responsáveis pela proteção física dos parlamentares. Atraídos pelo salário inicial de R\$ 2 mil, somado a vantagens do serviço público - com o pagamento de horas extras e pelas convocações extraordinárias, os agentes de segurança do Senado chegam a ganhar até R\$ 5 mil por mês, quase o salário pago ao diretor-geral da Polícia Federal -, eles trocam experiências e tentam aplicar no Senado o conhecimento adquirido nos bancos das faculdades.

O engenheiro elétrico José Luiz Morado, 41 anos, formado pela Universidade Federal Fluminense do Rio de Janeiro é um exemplo. Depois de nove anos como funcionário do Serpro, demitido no governo Collor, colecionou editais de concursos públicos. Fez provas para nove funções públicas diferentes, foi aprovado em três e escolheu seguir a carreira de segurança do Senado. E não se arrepende da escolha.

Além das seis horas diárias de trabalho, Morado obteve do Senado o pagamento do curso de pós-graduação em Engenharia da Segurança no Trabalho - cujos conhecimentos aplica na função que exerce na Casa Legislativa. É dele a responsabilidade de adaptar e modernizar o equipamento eletro-eletrônico usado pelos agentes de segurança do Senado, como o funcionamento do circui-

to fechado de televisão.

Nem todos, porém, têm a sorte de trabalhar na área em que se qualificaram na universidade. Silvío Braz da Paixão é médico ginecologista e dá expediente como segurança à noite. Para conciliar sua formação profissional com a tarefa de segurança, agora ele faz especialização em clínica geral.

Atualmente, dos 160 agentes de segurança do Senado, 61 têm curso superior e outros 32 frequentam faculdades. A disputa no último concurso, para o qual era exigido apenas nível médio, foi tão grande (14 mil candidatos para cem vagas) que no próximo concurso o diploma de curso superior será uma exigência.

Robson Gonçalves e Jacson Bittencourt Queiroz são analistas de sistema formados em Brasília que, cansados da exigência de horário nas empresas privadas que trabalharam antes, optaram pela estabilidade oferecida aos funcionários públicos concursados. Robson até reconhece que o trabalho no Senado, com todas as vantagens oferecidas, é bom, mas não esconde uma ponta de frustração: com o distanciamento da profissão em tempo integral, a defasagem é inevitável, sobretudo nas carreiras ligadas à informática. "Por mais que a gente esteja

numa área da segurança ligada à nossa formação profissional, na área de informática é difícil se manter atualizado", disse Robson.

Apesar disso, os agentes de segurança contam com orgulho passagens que vivenciaram no Senado. Lembram, por exemplo, que a idéia de construir o espelho de água na frente ao prédio do Congresso é deles - não do senador Antonio Carlos Magalhães -, depois de uma tentativa de invasão. O senador ouviu as recomendações da subsecretaria de segurança e encomendou o projeto ao arquiteto Oscar Niemeyer.

Jacson Queiroz narra os detalhes de uma ação dos agentes, conduzida muito mais com a estratégia do que com a força física, para impedir que o manifestante cumprisse a ameaça de pular da galeria de visitantes para o plenário do Senado, onde transcorria uma sessão em homenagem ao presidente do Líbano. Antonio Carlos Magalhães, presidindo a sessão, ameaçou prender o manifestante que gritava palavras de ordem contra o homenageado; e os agentes de segurança, aproveitando sua distração, o prenderam. "Tudo não durou mais do que um minuto, mas poderia ter sido uma tragédia", diz Jacson.

Derlópidas Gomes Neves Júnior, que é jornalista e, por isso, fica no comando da central de comunicação da segurança do Senado, e Aníbal Ganzert, engenheiro agrônomo, que também perdeu o emprego no governo Collor, dizem que o serviço de segurança, hoje, está distante daquele estilo truculento do passado. A mudança se deveu exatamente ao novo perfil dos funcionários e a treinamentos mais atualizados. "Em lugar da força, a segurança é feita de forma estratégica, com a cabeça", confirma Jacson Queiroz.

Pedro Ricardo, que faz curso de Contabilidade, conta que todos os agentes de segurança passam por cursos de aperfeiçoamento, entre eles Curso de Proteção e Segurança Dignitárias, oferecidos pelos ministérios da Aeronáutica, do Exército e pela Polícia Militar do Distrito Federal.

A mudança na mentalidade dos seguranças e na forma de agir é recente no Senado, dizem os agentes. Foi introduzida na gestão de Alberto Nogueira Viana, escolhido pelo senador Antonio Carlos Magalhães, em 97.

HELAYNE BOAVENTURA e CRISTIANA LÔBO

Repórteres do JORNAL DE BRASÍLIA